

Ao meu irmão, o camponês¹

Élisée Reclus

"É verdade?", você me pergunta, "é verdade que os seus camaradas, os trabalhadores da cidade, pensam em tomar a minha terra, este lugar que amo e que me dá espigas, poucas, é verdade, mas que ainda me dá? Essa terra alimentou meu pai e o pai do meu pai; e os meus filhos poderão, provavelmente, encontrar aqui um pouco de pão. É verdade que você quer tirar a minha terra, minha casa e minha horta? Meu pequeno pedaço de terra não será mais meu?".

Não, meu irmão, isso não é verdade. Visto que ama a terra e a cultiva, as colheitas lhe pertencem. É você quem faz o pão nascer. Ninguém tem o direito de comê-lo antes de ti, antes de sua esposa, associada ao seu destino, e antes da criança nascida dessa união. Permaneça em paz, mantenha sua pá e seu arado trabalhando a terra, coloque as sementes para fecundar. Nada é mais sagrado que o seu trabalho, e mil vezes amaldiçoado é aquele que pretende tomar sua terra, produtiva pelos teus esforços!

Mas, o que digo a você, não digo aos que afirmam ser cultivadores da terra, quando, na verdade, não o são. Quem são esses que se dizem cultivadores? Quem são os concentradores de terra? São os senhores de terra, os já nascidos assim. Aqueles que, quando nascem, são colocados em berços, forrados com tecidos de seda e lã macios para receber as visitas do sacerdote, do juiz, do tabelião e de outros nobres sujeitos que venham cumprimentar o recém-nascido, o futuro senhor de terras. Cortesãos, homens e mulheres chegam de toda parte trazendo presentes, como: tecidos bordados de prata e enfeites de ouro. Enquanto recebe presentes, nos livros cartorários é registrado que o bebê possui terras com nascentes de rios, áreas de florestas, de campos e jardins, entre outras áreas com madeiras e pastagens. Ele as tem nas montanhas, ele as tem nas planícies; mesmo no subsolo, também é mestre de grandes campos onde centenas ou milhares de homens trabalham. Quando crescer, talvez um dia vá visitar o que herdou ao deixar o útero; mas talvez nem se dê ao trabalho de ver todas essas coisas; apenas coletará e venderá os produtos. De todos os lados, por estradas, ferrovias, barcos ou navios receberá grandes sacos de dinheiro, enviados das suas propriedades. Então, quando tivermos forças, deixaremos todos esses produtos do trabalho humano nos cofres do herdeiro? Teremos respeito por essa propriedade? Não, meu amigo, vamos levar tudo! Vamos rasgar os papéis, quebraremos as portas dos castelos e aproveitaremos essas áreas. "Trabalhe se quiser comer!", vamos dizer a esse cultivador! "Nada mais dessa riqueza lhe pertence!"

¹ Traduzido por Sergio Aparecido Nabarro a partir da publicação original: RECLUS, Élisée. À mon frère, le paysan. Genève: Imp. Des Eaux-Vives, 1893.

E a esse outro senhor nascido pobre, sem nenhum acre de terra, que nenhum bajulador veio o admirar na cabana ou no sótão materno, mas que teve a chance de enriquecer com seu trabalho honesto ou improbo? Ele não tinha terra nem para fazer um montinho e a cabeça, mas foi capaz, por especulação, economia ou por favores dos senhores, de adquirir imensas extensões de terras, que agora as cercou. Colhe onde não semeou, come o pão obtido com o trabalho de outros. Devemos respeitar essa segunda propriedade, a dos ricos que não trabalham nas suas terras, mas que as fazem arar por mãos de escravos? Não! Essa propriedade também não respeitaremos. Aqui, novamente, quando tivermos forças, colocaremos as mãos nessas terras e diremos aos que acreditam serem seus donos: “Para trás! Só continue se você conseguir trabalhar! Você terá o pão, fruto do seu trabalho, mas a terra que outros cultivam não é mais sua. Você não é mais o dono de todo o pão”.

Então, iremos tomar a terra sim, e vamos retirá-la dos que a concentram sem trabalhar e devolvê-la àqueles que foram proibidos de tocá-la. Mas não para que explorem os outros. A extensão da terra à qual um sujeito, uma família ou um grupo tenha direito é determinada pelo seu trabalho, individual ou coletivo. Desta forma, se uma área excede a extensão do que se é capaz de cultivar, não há nenhuma razão para se reivindicar essa parte da área; esta parte da terra, portanto, deve pertencer a outros trabalhadores. O limite de uma área pode ser traçado de várias formas: entre os cultivos, de acordo com a capacidade de produção, por exemplo. O que você cultiva, meu irmão, é seu, e nós o ajudaremos a mantê-lo, fazendo tudo o que nós for possível. Mas a terra que não cultivas deve ser destinada a outro camponês. Dê espaço a ele, que também saberá como trabalhar a terra.

Mas se vocês dois têm direito à sua parte da terra, serão imprudentes em permanecer isolados? Sozinho, o pequeno camponês é fraco para lutar contra a natureza avarenta, bem como contra o opressor perverso. Se conseguir sobreviver é por muito esforço. Terá de suportar os caprichos do tempo e submeter-se a situações torturantes em muitas ocasiões. Mesmo com frio extremo, com calor escaldante, com chuvas torrenciais ou ventos fortes, está sempre trabalhando; mesmo que o dilúvio inunde sua plantação, e ainda que calor as queime, o camponês colhe o que resta, mesmo que apenas o insuficiente para alimentá-lo. Quando chega o dia da sementeira, ele retira o grão da boca e o joga na terra. Em seu desespero, sua fé permanece: sacrifica parte da pouca colheita, se necessário, na esperança de que após o inverno rigoroso ou do verão ardente, o trigo vingará, dobrará, ou triplicará a semente plantada, quem sabe por dez vezes. Que intenso amor é este que o camponês sente pela terra, que o faz trabalhar tanto, que o faz ter medos e decepções, mas que também lhe dá tamanha alegria quando a plantação está repleta de espigas? Nenhum amor é tão forte quanto o do camponês pela terra que ara e semeia, onde nasceu, para a

qual retornará! No entanto, os inimigos o cercam e o invejam cobiçam a posse desta terra que ele tanto ama! O cobrador de impostos tributa seu arado e lhe tira parte do trigo; o negociante lhe toma outra parte; a ferrovia também o frustra no transporte da produção. Por todos os lados o camponês é enganado. E não importa o digamos a ele: “Não pague o imposto, não pague a renda”, ele ainda paga porque está só, porque não confia em vizinhos, nem em outros camponeses, proprietários ou meeiros, e não ousa os consultar. É mantido escravizado, ele e todos os outros, por medo e desunião.

Se todos os camponeses de uma mesma região tivessem compreendido o quanto a união pode aumentar sua força contra a opressão, certamente, nunca teriam deixado perecer as comunidades dos tempos primitivos, dos “grupos de amigos”, como são chamadas na Sérvia e em outros países eslavos. A propriedade coletiva dessas associações não é dividida em lotes, divididos por cercas ou valas. Os companheiros não precisam discutir se a espiga que cresce para a direita ou para a esquerda é dele ou não. Nenhum oficial de justiça, advogado ou tabelião é designado para resolver os interesses entre os camaradas. Após a colheita, antes da época da nova aração, eles se reúnem para discutir assuntos de interesse comum: o jovem que se casou, a família que cresceu, explica a nova situação e justifica o uso de uma parcela maior dos bens para atender suas necessidades. As distâncias aumentam ou diminuem de acordo com a extensão da terra e o número de membros, e cada um trabalha em seu campo, feliz por estar em paz com os irmãos que trabalham ao seu lado na terra, de acordo com as necessidades de todos. Em circunstâncias urgentes, os camaradas se ajudam: um incêndio destruiu uma casa, todos estarão envolvidos em sua reconstrução; uma grande enxurrada destruiu uma parte do campo cultivado, outro é preparado para o companheiro prejudicado. Apenas uma pessoa fica responsável pelo pastoreio do rebanho da comunidade e, à noite, as ovelhas e as vacas sabem como voltar ao estábulo sem serem empurradas para lá. A comuna é, ao mesmo tempo, propriedade de todos e de cada um.

Sim, tanto a comuna, quanto o indivíduo, são fracos se permanecerem isolados. Talvez a comuna não tenha terra suficiente para todos, e todos têm fome! Quase sempre ela está em luta com um senhor rico, que reivindica a posse deste ou daquele campo, floresta ou pastagem. A comuna resistiu bem e, se o senhor de terra estivesse sozinho, rapidamente a comuna teria triunfado sobre ele; mas ele nunca está só. Tem ao seu lado o governador da província e o chefe de polícia. Para ele os sacerdotes e os magistrados, para ele todo o governo com suas leis e seu exército. Se necessário, ele tem o canhão para derrubar aqueles que disputam um terreno em litígio. Nesta realidade, a comuna pode estar cem vezes certa, mas ainda assim é provável que os poderosos provem que ela está errada. E não importa o quanto o camponês grite se ele permanece passivo e isolado: “Não cede!”. Ela deve ceder, vítima de seu isolamento e fraqueza.

Vocês são, portanto, fracos, todos vocês, pequenos proprietários, isolados ou associados à comuna, são muito fracos diante dos que procuram escravizá-los, dos que desejam sua terra, dos governantes que buscam levar toda a sua produção. Se vocês não souberem se unir, e não apenas de indivíduo a indivíduo ou de comuna a comuna, mas de país a país em uma grande internacional de trabalhadores, em breve terão o destino de milhões e milhões de homens que já estão privados do direito de semear e colher, que vivem na escravidão do assalariamento, apenas encontrando trabalho quando os patrões têm interesse em empregá-los, e forçados a implorar, muitas formas, às vezes de forma humilhante, pedindo para serem contratados, estendendo as mãos para implorar emprego a um avarento mesquinho. Eles foram privados da terra, e você pode ser privado da sua terra amanhã. Existe uma diferença muito grande entre o destino deles e o seu? A ameaça já chegou a eles; você ainda está sendo poupado, mas é apenas por mais um dia ou dois. Unam-se todos em sua desgraça. Defendam o que ainda lhe resta e recuperem o que perderam. Caso contrário, seu destino será horrível, tendo em vista que estamos em uma época de ciência e método, e nossos governantes, servidos pelo exército de químicos e professores, preparam uma organização social na qual tudo será resolvido como em uma fábrica, na qual a máquina dirigirá tudo, até os homens; onde as pessoas serão simples engrenagens, trocadas como ferro velho quando recorrerem ao pensamento e ao desejo.

Desta forma, na solidão do Grande Oeste americano, empresas de especuladores ricos, ou desejando enriquecer, e com boas relações o governo, receberam áreas imensas em regiões férteis. Usam homens e capital para transformá-las usinas de cereais. Tais campos de cultivo têm a superfície de uma província. Cada grande campo é confiado a uma espécie de general, instruído, experiente, bom agricultor e bom comerciante, habilidoso em avaliar seu valor e o desempenho dos terrenos férteis e dos músculos humanos. Esse senhor se instala em uma casa confortável, no centro da sua propriedade. Ele possui cem arados, cem semeadoras, cem ceifeiros e vinte debulhadores; possui, ainda, aproximadamente cinquenta vagões, arrastados por locomotivas que entram e saem incessantemente das linhas férreas entre as estações de campo e o porto mais próximo, cujo cais e os navios também lhe pertencem. Uma rede de telefones vai da casa palaciana a todas as construções existentes na propriedade; a voz do senhor é ouvida em toda parte; ele ouve todos os barulhos e supervisiona todos os atos; nada é feito sem suas ordens e longe de sua vigilância.

E o que acontece com o operário ou com o camponês neste mundo organizado? Máquinas, cavalos e homens são usados da mesma maneira: sua força é avaliada em números, e deve usada da melhor maneira possível para promover um maior lucro ao empregador, com o maior número de produtos e o menor gasto de produção. Os estábulos são organizados de modo que, na saída, os animais comecem a cavar um sulco de vários

quilômetros que deve ir até o final do campo: cada um de seus passos é calculado, cada passo é relatado ao senhor. Da mesma forma, os movimentos dos trabalhadores são regulados até o final do dormitório coletivo. Lá, nenhuma mulher ou criança pode atrapalhar o trabalho em troca de uma carícia ou de um beijo. Os trabalhadores estão agrupados em pelotões, com sargentos, capitães e o inevitável delator. A intenção é promover um trabalho ordenado metodicamente, observando o silêncio nas fileiras. Nesta lógica, se uma máquina der problema e se não for possível repará-la, é descartada. Se um cavalo cai e quebra um membro, é atingido no ouvido com um tiro de revólver e jogado em uma vala comum. Se um homem sucumbe à dor, quebra um membro do seu corpo ou se deixa tomar pela febre, não digo que vão acabar com ele, mas livram-se dele da mesma maneira: ele morre longe dali para não aborrecer ninguém com seus gemidos. No final do período de intenso trabalho, quando a natureza descansa, o general também descansa e dispensa seu exército, pois, no ano seguinte ele sempre encontrará uma quantidade suficiente de ossos e músculos para contratar, tomando o cuidado de não empregar os mesmos trabalhadores do ano anterior, pois estes poderiam adquirir experiência, imaginar que sabem tanto quanto seu mestre, ou obedecer de má vontade, quem sabe? Talvez se apeguem a terra cultivada por eles e podem acreditar que ela lhes pertence!

Se a felicidade da humanidade consistisse em criar alguns bilionários acumulando, em benefício de seus caprichos e paixões, a riqueza gerada com o esforço de todos os trabalhadores escravizados, essa exploração científica da terra seria o ideal sonhado. Os resultados financeiros seriam extraordinários, mas apenas enquanto a especulação não arruinar o que ela mesma cria. Uma quantidade de trigo obtida pelo trabalho de quinhentos homens poderia nutrir cinquenta mil pessoas; a despesa com um salário avarento pago ao trabalhador é mínima frente aos enormes carregamentos de alimentos que são embarcados em navios e vendidos dez vezes mais caro que o valor da sua produção. É verdade também que, se a massa de consumidores, desempregados ou com baixos salários, ficar muito pobre, eles não poderão mais comprar toda a produção e, condenados à fome, não enriquecerão mais os especuladores. Entretanto, os senhores de terra não estão preocupados com este futuro distante: primeiro ganhar, caminhando por um caminho pavimentado no dinheiro, e mais adiante veremos; “Depois de nós, o dilúvio!”

Eis aqui, camarada que ama a terra e que viu pela primeira vez o mistério do broto de trigo perfurando o chão. Este é destino que estão preparando a você! Tomarão seu campo de cultivo e sua produção. Levarão você, amarrado em alguma máquina de ferro fumegante e estridente. Envolto na fumaça do carvão, você terá que repetir o mesmo movimento com os braços em uma alavanca entre dez e doze mil vezes por dia. Isso é chamado de agricultura. E não pense em fazer amor quando seu coração lhe disser para ter uma esposa; não vire a cabeça para a mulher que está passando: o seu comandante

aceitará que você fraude o trabalho.

Se o seu superior ver com bons olhos o seu casamente gerando filhos, é porque isso a ele será conveniente; você terá a alma escrava que ele deseja moldar; você será vil o suficiente para ele permitir que a degradação continue. O futuro que lhe espera é o do trabalhador fabril, do operário, do filho da fábrica! Nunca a escravidão mais metodicamente amassou e modelou o humano para reduzi-lo ao estado de uma ferramenta quanto agora. O que resta de humano a um ser desfigurado, apressado e desequilibrado, que jamais respira outra atmosfera senão a de graxa e poeira?

Evite esta morte a todo custo, camaradas. Mantenha sua terra, ela é sua vida, e a vida da mulher e dos filhos que tanto ama. Junte-se aos companheiros cuja terra é ameaçada como a sua por fábricas, por entusiastas da caça ou por agiotas; esqueça seus ressentimentos com vizinhos e agrupem-se em comunas onde todos os interesses estejam unidos, onde cada pedaço de terra seja defendido por todos. Cem, mil, dez mil camponeses serão muito fortes contra o senhor e seus criados; mas você ainda não será forte o suficiente contra um exército. Associem-se, portanto, de comuna em comuna onde os mais fracos tenham a força de todos. Além disso, chame aqueles que não têm nada, como as pessoas das cidades que você pode ter aprendido a odiar, mas a quem você deve amar, porque elas o ajudarão a manter sua terra e reconquistar o que tiraram de você. Com eles, você atacará, derrubará as paredes do recinto; com eles, você encontrará a grande comunidade de homens, na qual trabalharemos estarão juntos para arar a terra, embelezá-la e viver feliz, nesta terra que nos fornece o pão.

Mas se você não fizer isso, tudo estará perdido. Vocês perecerão escravos e mendigos: “Estão com fome?”, disse recentemente um prefeito de Argel a um grupo de desempregados, “Então comam uns aos outros!”

Sobre o autor

Élisée Reclus – Geógrafo francês (1830-1905) autor de diversas obras de referência para a ciência geográfica, tendo se dedicado especialmente a Geografia Anarquista.

Sobre o tradutor

Sergio Aparecido Nabarro – Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor/Pesquisador visitante no Institut de Géographie e no grupo Géographie-Cités da Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). **ORCID** – <https://orcid.org/0000-0003-2179-0710>.

Como citar esta tradução

RECLUS, Eliséé. Ao meu irmão, o camponês. **Revista NERA**, traduzido por Sergio Aparecido Nabarro, v. 23, n. 55, p. 402-408, set.-dez., 2020.

Recebido para publicação em 30 de janeiro de 2020.
Aceito para a publicação em 19 de abril de 2020.
